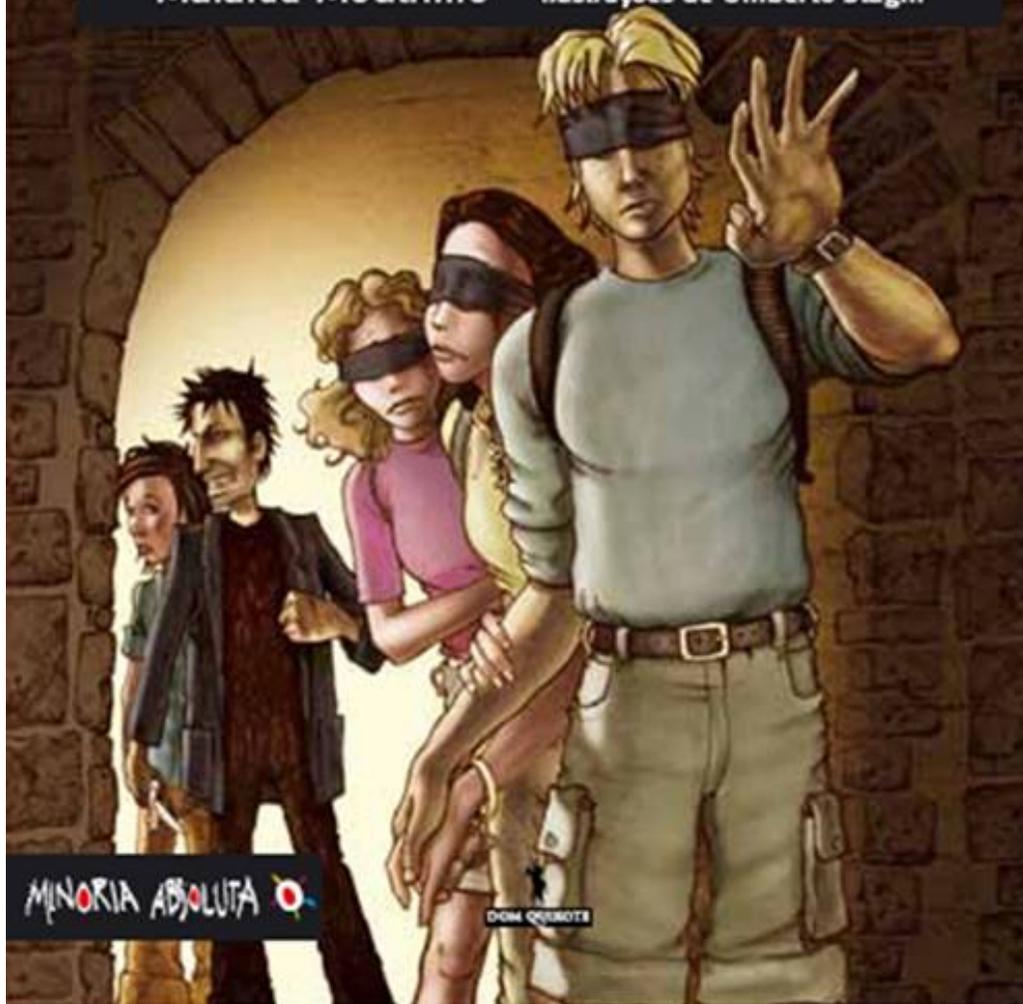


→ OS PRIMOS

O MISTÉRIO DAS CATACUMBAS ROMANAS

Mafalda Moutinho *ilustrações de Umberto Stagni*



I

I - Era Uma Vez...

“Era uma vez um rapaz chamado Tomás que vivia com os pais numa aldeia muito pobre. O Tomás tinha doze anos e ia à escola como todos os rapazes da sua idade, mas não tinha amigos e preferia estar sempre sozinho.

Os pais do Tomás não eram pessoas muito apreciadas na aldeia. Os vizinhos olhavam-nos com maus olhos e afastavam-se deles. Dizia-se que não eram “gente de bem”, que se dedicavam a actividades pouco dignas e não davam atenção aos filhos. Acusavam-nos de bruxarias pois era costume verem-se forasteiros de mau aspecto entrarem na sua casa e saírem com mezinhas, pozinhos e outras essências para maus olhados.

— São bruxos! - diziam uns para os outros fazendo o sinal da cruz. — Têm Satanás em casa! Vade retro! Vade retro!

— E aqueles narizes pontiagudos? Não enganam ninguém!

Marido e mulher batiam por tudo e por nada tanto no

Tomás, como no seu irmão mais novo, o José. Este, pobrezinho, por infortúnio ou mau agouro, era mudo e pouco inteligente.

O Tomás, por seu lado, era muito perspicaz. Passava tanto tempo sozinho que se habituara a falar com os seus botões.

— Mais vale falar sozinho do que para as paredes. Ninguém me compreende... - pensava entristecido.

A reputação dos pais também não o ajudava a fazer amizades na aldeia, e o pobre do José não lhe oferecia grandes alternativas.

Na escola chamavam-lhe o *Sabichão* porque sabia sempre a resposta para todas as questões.

— Oh professora, eu cá não sei... mas pergunte ali ao *Sabichão* que ele sabe de certeza! - dizia o Serafim, líder incontestado da turma.

Os colegas de escola metiam-se sempre com ele quando estavam em grupo, embora tivessem medo dele. Se o viam quando se encontravam sozinhos, fugiam a sete pés. Mesmo o fanfarrão do Serafim.

As professoras não o compreendiam. Admiravam-se muito com as suas capacidades, sobretudo com a incrível memória que parecia ter, lembrando-se com exactidão de tudo o que aprendera mesmo três ou quatro anos antes. Por influencia dos preconceitos dos aldeões e por ignorância, acompanhavam a mesquinhez dos demais:

— Também deve ser bruxo!

Tomás era um rapaz especial. Era sempre o primeiro da turma, com uma diferença enorme em relação aos outros. Fazia difíceis cálculos matemáticos de cabeça em poucos segundos, enquanto as professoras se atazanavam para conseguir o mesmo com calculadoras, ao verificarem a exactidão das respostas. Obtinha sempre os mais altos resultados nos testes, mesmo quando as professoras incluíam, de propósito, exercícios demasiado complicados para a turma.

Nos intervalos das aulas, nas inúmeras tentativas para fazer amizade com os colegas, dedicava-lhes alguns momentos de riso e de pasmo, exibindo sem vaidade os seus truques mentais:

— Vá, escrevam cem números numa folha de papel e leiam-mos em voz alta - pedia sorrindo.

Os colegas, à volta dele, obedeciam entre risinhos de apreensão e curiosidade. Tomás repetia-lhes então os cem números na sequência correcta, tal como os ouvira, deixando-os de boca aberta.

— Como é que ele consegue? - diziam uns para os outros.

— É bruxo! - segredavam entre si.

— E qual é o número que está na posição dez? Eh? - perguntava o Serafim, pensando ter encontrado uma dificuldade insuperável.

— O vinte cinco - retorquia Tomás calmamente.

— E na cinquenta e sete?

— O quinhentos e doze.

— E na noventa?... - tentava ainda outra vez, mais baixinho, roendo as unhas, já sem esperanças.

— O dois.

Tomás respondia sem pestanejar. Parecia fazer tudo sem pensar, como se as respostas já estivessem prontas antes mesmo que se formulassem as perguntas. Era extraordinário.

Até que um dia o Serafim se irritou.

— És muito esperto! Adivinhas tudo! - disse zangado e invejoso. — Tapem-lhe os olhos com este lenço. Vamos fazer outro jogo!

E o Tomás lá concordou, sem saber o que o esperava.

Alguns rapazes do bando do Serafim agarraram-no pelos braços e sentaram-no no banco do recreio, vendando-lhe os olhos.

— Ouve cá, *Sabichão* — começou o Serafim num tom pouco agradável. — Tu que és tão inteligente, diz-me lá

quantos pedregulhos tenho na mão direita?

— Um - respondeu o Tomás com receio, ouvindo as risadas dos colegas.

— Muito bem! Adivinhaste! E como é que sabias?

— Disseste “pedregulho” e não “pedra”. A tua mão é demasiado pequena para conseguires agarrar em mais do que um pedregulho ao mesmo tempo - respondeu Tomás estranhando o interesse de Serafim.

— Então agora adivinha lá esta: vou atirar o pedregulho à tua cabeça e tu vais ter de adivinhar para que lado o atiro, desviando-te para a esquerda ou para a direita, com os olhos vendados. Vá: um... dois...

— Sou inteligente, mas não sou bruxo! - gritou Tomás tentando levantar-se, mas sem conseguir. — Larguem-me!

— ... três!

Serafim ergueu o braço direito a custo, rodou a mão, levou-a atrás do ouvido, e atirou a enorme pedra com todas as suas forças. O pedregulho, pesado demais para atingir com exactidão a mira esperada, passou a rasar pela cabeça de Tomás, mas ainda lhe atingiu o ombro, fazendo-o cair do banco, de joelhos, com dores terríveis. O rapaz nunca contou a ninguém a verdade sobre o sucedido e escondeu o ombro pisado durante duas semanas após a triste brincadeira.

Cedo aprendera a viver com todo este negativismo. Só não compreendia por que razão as pessoas conseguiam ser tão cruéis.

Sabia que era mais inteligente do que os colegas, o que o fazia sentir apenas mais só no mundo. Falava desde os oito meses, embora os pais não tivessem dado importância nenhuma ao caso. Aprendera a ler e a escrever sozinho, desde os três anos de idade, depois de encontrar na cozinha o seu primeiro livro, um estranho manual sobre *Como Criar Sapos em Casa*, esquecido por um dos invulgares amigos dos pais. Mas

nem a isto o casal ligou, sobretudo porque a letra do Tomás, escrita com a mão esquerda, era difícil de perceber.

— Isso devem mas é ser desenhos esquisitos! - diziam.

A matemática veio logo a seguir e aos doze anos Tomás já falava cinco línguas, embora ninguém o soubesse. Por ali não se conhecia nenhuma outra língua a não ser a local...

Lia muito, apesar de os pais nunca o deixarem aproximar dos seus livros peculiares. Excepto quando lhe atiravam com eles:

— Toma lá que é para aprenderes! Já não te tinha dito para ires buscar água ao poço para a tua mãe tomar banho?

Mas Tomás lia os livros dos pais na mesma, às escondidas. Acabara por concluir que a bruxaria não era uma actividade minimamente científica. Era fácil enganar os homens confundindo-os com efeitos especiais, utilizando um pouco de fumo e substâncias que reagissem umas com as outras. Era esse o ganha-pão dos pais: viviam à custa de ingénuos burlando-os com truques fáceis.

Lia tão depressa que chegava a acabar um livro de trezentas páginas em poucas horas, e conseguia recordar o seu conteúdo palavra por palavra, mesmo muito tempo mais tarde. Levava poucos segundos a apreender um conceito novo, enquanto os demais chegavam a precisar de horas. Isto quando não ficavam pelo caminho. Não se admirava, por isso, com a reacção dos colegas, das professoras, dos vizinhos ou da aldeia inteira.

Mas não era nenhum bruxo. Os entendidos chamavam “pequenos génios” aos jovens como ele. Mas ainda que a expressão soasse bem, Tomás sabia que não era senão uma desvantagem enorme.

As suas habilidades, contudo, não se ficavam pela área mental. Embora não fosse corpulento, o rapaz superava também os colegas em todas as actividades físicas, fosse em corridas, saltos de obstáculos, comprimento ou altura, que adorava. Conseguia até bater o bazófilo do Serafim, que o

detestava cada vez mais.

Escapava muitas vezes para a floresta no fim das aulas, quando já não tinha de prestar contas a ninguém. Trabalhava então na construção da sua casa de madeira secreta, de longe a mais sólida e melhor arquitectada de toda a aldeia, no topo do Grande Cipreste. Era uma casa incrível, repleta de sistemas de abertura e fecho automático de portas e janelas, com processos de aproveitamento de água da chuva, energia solar e eólica, e que até um elevador mecânico incluía. Tudo inventado por ele.

Nadava no rio da aldeia durante horas a fio e corria muito. Chegou mesmo a desenvolver uma estrutura complexa de lianas que utilizava para saltar de árvore em árvore e deslocar-se pela floresta rapidamente, como um autêntico homem-aranha.

Às vezes, de noite, saía de casa sem que ninguém se apercebesse e ia até à Pequena Cascata onde se exercitava a atravessar o rio às escuras de uma margem à outra, pulando de pedra em pedra e correndo o risco de partir o pescoço. Outras vezes fazia o mesmo durante o dia, com os olhos vendados.

Depressa terminou os livros da biblioteca da aldeia, e por falta de fontes de leitura e outros passatempos, decidiu utilizar alguns dos novos conhecimentos em experiências suas.

Tomás tinha decidido que um dia havia de ser médico, e assim divertia-se a perseguir rãs e outros pequenos animais da floresta, dissecando-os para lhes observar com atenção a anatomia. A sua inteligência era tal que lhe permitia entrar em experimentações avançadas, usando um misto de componentes dos livros e da própria intuição, conseguindo curar animaizinhos que encontrava feridos no bosque.

As suas estranhas práticas eram obviamente mal interpretadas pelos aldeões que se deparavam com os restos dos animais dissecados.

— Olhem-me só para isto! O bruxo do miúdo continua a fazer rituais estranhos! – e benziam-se assustados.

Em pouco tempo Tomás tornou-se tão indesejável como os seus pais e não havia quem não lhe virasse as costas ao cruzar-se com ele. Não só não tinha amigos como fizera, sem querer, uma enorme colecção de inimigos. Sentia-se deslocado, com uma mente de adulto fechada num corpo de criança, vivendo como um fantasma num mundo que passava por ele sem lhe dar importância.

Um dia, numa das suas longas caminhadas pela floresta, sentou-se debaixo de uma enorme sequóia e adormeceu. Não soube quanto tempo dormiu ao som dos passarinhos e das cigarras, nem quanto durou o ruído terrível que o acordou. Pareciam gritos surdos de alguém vindos de muito longe.

Tomás conhecia a floresta como ninguém. Passava a maior parte da sua vida ali e, com a incrível memória que possuía, tinha até decorado a posição de pedras, árvores, troncos caídos e armadilhas dispersas. Conhecia todos os perigos existentes numa área de dez quilómetros em redor do Grande Cipreste. E tinha uns ouvidos excelentes.

Utilizando as fortes lianas do bosque depressa perscrutou toda a zona na direcção dos gritos. Não foi difícil descobrir de onde provinham. Em poucos minutos tinha já chegado ao local onde alguém, agora sem forças para gritar, gemia com dores fortíssimas.

Deitado no chão, coberto de terra e de folhas secas, encontrava-se um rapaz dobrado sobre si mesmo, com os dedos encarquilhados de frio e a cara marcada pela dor.

— O que é que vieste para aqui fazer sozinho? – inquiriu preocupado ao ver o estado da perna do Serafim, cheia de sangue, presa numa das inúmeras armadilhas de caçadores.

— Eu... vim... – e a voz sumiu-se-lhe na garganta. Tinha desmaiado.

— E agora, o que hei-de fazer? – pensou alto aproximando-se.

Era uma situação delicada, com poucas opções. Tomás podia deslocar-se com rapidez à aldeia e pedir a alguns aldeões que o acompanhassem até Serafim e o levassem de volta. Sozinho não conseguiria fazê-lo. O problema é que já sabia o que isso acarretaria: todos diriam que a culpa do acidente era “do bruxo” e não dos caçadores ou do rapaz, que se aventurara pela floresta sozinho. Odiavam-no demasiado. A outra opção seria... bem, não era uma decisão fácil, e nem essa estaria isenta de reprimendas e censuras. Além disso seria a primeira vez que... E se corresse mal?

O sangue corria cada vez mais da perna de Serafim e o rapaz encontrava-se branco como a pedra na qual Tomás o deitara. Não tinha muito tempo, daí a pouco o sol abandoná-los-ia.

— Não te preocupes, Serafim. Curo-te eu!

Serafim abriu de novo os olhos, mas já não tinha forças. As dores não o deixaram perceber sequer o que Tomás queria dizer com aquilo. Os olhos fecharam-se-lhe. Voltou a desmaiar.

Duas horas mais tarde acordou sem saber onde estava, num local escuro, onde ardia um pequeno archote e cheirava muito a húmido.

— Onde estamos? - perguntou ainda fraco, procurando Tomás com o olhar.

Tomás aproximou-se, colocou-lhe a mão na testa para sentir se tinha febre e respondeu com um sorriso caloroso:

— Dentro de uma velha árvore. Ainda tens dores?

Serafim olhou para a perna, agora completamente envolvida em grandes folhas de uma planta jamais vista e respondeu admirado:

— Nem me lembrava dela - e tocou na perna com a mão, a medo. — Não tenho dores nenhuma, o que lhe fizeste?

— Não te preocupes. Não fiz nenhuma bruxaria - e deu-lhe para a mão um dos livros da biblioteca. — Segui apenas o que dizia aí. E juntei-lhe mais uma ou outra coisa interessante

de livros parecidos com esse. Esta floresta está cheia de plantas curativas, não vais levar muito tempo a ficar bom.

— E o que é que isso interessa? - respondeu Serafim esboçando um sorrisinho amarelo. — Quando chegar a casa o meu pai mata-me! Nem vai valer a pena o teu esforço!

— Tenho a certeza de que estarão todos muito preocupados.

— Se calhar nem deram pela minha falta... - insistiu Serafim tristonho e depois, acabrunhado, continuou: — Obrigado por me teres ajudado... depois de tudo o que te fiz!

— Deixa lá! Sei que farias o mesmo por mim... - respondeu Tomás sem convicção.

— Bem... na verdade...

— Não precisas de dizer nada. Gostava só de saber o que vieste fazer à floresta sozinho - interrompeu Tomás.

— Pois... era sobre isso que te queria falar - continuou Serafim. — Bom... sabes que o meu bando costuma confirmar o líder no fim de cada ano. Assim todos o aceitam sem contestar, ou escolhem outro chefe.

— Uhm... - grunhiu Tomás mostrando o seu desdém por semelhantes perdas de tempo.

— E a confirmação não é fácil. Costuma ser uma tarefa inventada pelo grupo, e este ano... bem... conhecendo as brigas que tive contigo...

— Decidiram obrigar-te a fazer algo contra mim - disse Tomás irritado ao olhar para o que saíra dos bolsos do colega. — Vieste à floresta para destruíres a minha casa de madeira! - e agarrou numa caixa de fósforos, num frasquinho de petróleo e numa pedra envolvida num pano sujo. — Se calhar até acabarias por matar-me. Quantos pontos valeria isso para a tua confirmação?

Os olhos de Tomás encheram-se de lágrimas. Mais uma vez não conseguia perceber por que razão as pessoas eram tão más. Sobretudo as crianças, e por razões tão imbecis.

— Desculpa... - pediu Serafim.

E Tomás desculpou. Embora não percebesse bem por que o tinha feito. Desiludido com tudo o que existia na aldeia, com os colegas, que além de o não verem como um possível amigo ainda lhe faziam a vida negra, com as professoras, que tinham a obrigação de reconhecer o seu potencial mas preferiam chamar-lhe “bruxo”, com os aldeões, que não o respeitavam e com os pais, que nunca lhe tinham dado o amor merecido, decidiu partir e iniciar uma nova vida num lugar longínquo.

Muitos anos mais tarde Tomás tornou-se um dos melhores cirurgiões plásticos do mundo. Ajudou a salvar muitas vidas e criou uma clínica para pessoas com graves doenças de pele. Ganhou o prémio Nobel para a Medicina ao desenvolver o uso da *Rinaxia* uma planta que contém uma proteína até hoje inimitável na rápida reestruturação dos tecidos cutâneos. E nunca mais regressou à sua aldeia.”

— Que história incrível! - disse Ana assim que a irmã mais velha terminou o seu pequeno conto, enrolando os dedos nos caracóis.

— Também acho! - concordou André. — Não é das coisas mais alegres que tenha ouvido, mas dá que pensar...

Os primos encontravam-se no Parque do Ópio, a dois passos do Coliseu romano e por cima da Domus Áurea do imperador Nero. O parque, no centro de Roma, era muito frequentado por trabalhadores humildes dos países de Leste, os *Extracomunitari*, como lhes chamavam os Italianos. Estavam sentados na relva, por debaixo de algumas árvores, observados de longe pelo motorista do embaixador Hugo Torres, pai de Ana e Maria.

— Escrevi-o noutra dia depois de ler um artigo sobre crianças sobredotadas - começou Maria. — São mais do que se possa imaginar. Muitas nem sabem que o são e só descobrem quando já são adultas!

— Acredito - anuiu André e continuou, com o seu sorriso sardento: — Gostei sobretudo da parte em que o Tomás se move pela floresta com as lianas. Que ideia brilhante! Gostava de poder fazer o mesmo! E os truques dele? Fizeste-me recordar as histórias do planeta Aldox que contei no verão passado ao Raul, o parvinho do filho do cônsul, lembram-se?

— E quem é que se podia esquecer de uma coisa daquelas? - riu Maria. — Eh! Cuidado! - gritou espavorida.

— O que foi? - perguntou o primo voltando-se de repente.

Um rapaz de cabelos escuros e despenteados, bastante magro e pouco mais baixo do que André, escapava por entre as árvores e as ruínas dissimuladas das Termas de Trajano, depois de ter sido surpreendido pelo grito da rapariga. Ainda tropeçou e caiu, mas conseguiu levantar-se a tempo de fugir de Giuseppe, o motorista, que se apercebera demasiado tarde do incidente.

— O que é que se passou? - perguntou o homem exaltado. — Fez-vos mal? O que é que queria?

— Mal?... - disse André irritado. — Roubou-me a mochila! Com o meu telemóvel dentro!

— Não!? - exclamou Ana desanimada olhando em seu redor. — E desapareceu sem deixar rasto!

— Não parecia ser mais velho do que nós, pois não? - perguntou Maria a André.

— Sim, não tinha mais do que catorze anos.

— Que tristeza... tão novo e já anda a roubar! - disse Ana.

— Eu bem vos disse que este parque não era seguro! - interrompeu Giuseppe. — Esta gente nem casa tem! Não podíamos ter ido para outro sítio? Com tantos parques que há em Roma... E agora o que é que vou dizer aos senhores embaixadores?

— Não te preocupes - acalmou-o André. — Afinal estamos em Itália. Não é assim tão estranho que isto

aconteça... E eu estava mesmo a precisar de um telemóvel novo.

— Vá, vamos para casa - pediu o motorista pouco convencido enquanto descartava a ideia de participar o roubo à polícia.

— Ana, tu que querias tanto vir a Roma - disse Maria enquanto caminhavam até ao carro. — Aí tens a aventura que esperavas depois de desvendares o Segredo do Mapa Egípcio!

— É verdade! - respondeu a irmã. — Não é um novo destacamento diplomático do pai (visto que viemos só para as férias da Páscoa), mas parece que as aventuras já começaram!

— *Cosa?* Não senhor! *Non pensarci neanche!* - voltou a interromper Giuseppe juntando os dedos de cada mão numa típica expressão italiana. — Estou bem a par das vossas explorações arriscadas! Como vocês próprios disseram, em Itália há perigos escondidos em cada esquina!

Engoliu em seco e virou-se de costas para os três jovens. Tinha exagerado, também não era bem assim, não estavam propriamente numa selva, ainda havia muita gente boa por ali. Roma até nem era assim tão perigosa. Não chegava aos calcanhares do *Quartiere Spagnolo* de Nápoles, por exemplo, onde o crime abundava... Mas era melhor meter-lhes um pouco de medo, assim não se aventuravam com andanças disparatadas.

É claro que Giuseppe estava longe de conhecer os primos. Não havia jovens mais destemidos. À parte do medo insuperável que Maria tinha das aranhas, nenhum deles se opunha a entrar em aventuras. Sobretudo se pelo caminho tinham a oportunidade de confrontar algum malfeitor. Como o cônsul de Portugal no Cairo, no ano anterior, preso graças à presença de espírito dos jovens exploradores, durante a investigação do famoso Mosaico da Rosa e do mapa egípcio.

— Quem sabe se o voltamos a ver? - disse Ana pensando alto.

— Sim, sim! - riu Giuseppe com ironia. — Aquele nunca

mais aqui põe os pés.

— Nunca ouviram dizer que o criminoso nunca volta ao local do crime? - ajudou André com ar de quem sabia o que dizia.

— Não - interrompeu Maria divertida. — Na verdade diz-se que o criminoso volta *sempre* ao local do crime! Vejo que continuas muito forte nos ditados! Ah, Ah! - riu ao relembrar a tendência do primo para alterar provérbios sem querer.

— Ah! O famosíssimo livrinho da escritora Maria! - escarneceu André ao ver que a prima voltava ao ataque, puxando do seu controverso bloco de notas e apontando o erro do primo. — Agora percebo tudo! A história do Tomás foi toda baseada nos apontamentos que fizeste sobre mim no verão passado! É claro que só podia sair dali um conto sobre um rapaz génio!

— Pois, pois... - grunhiu Maria apanhada desprevenida com a resposta do primo.

— E lá voltamos nós ao mesmo. Já me tinha esquecido das vossas discussões - riu Ana. — Mas devo dizer que o André parece mais espreitado do que no verão. Ou és tu que te estás a deixar ficar para trás, Maria?

— Ummm, muito engraçada. E tu não costumavas ser tão abelhuda, pois não? - riu a irmã fazendo uma careta expressiva.

— Deixem-se disso - pediu Giuseppe. — *Mamma mia!* O que dirá o embaixador Torres deste aborrecido episódio?

* * *

Contrariamente ao que Giuseppe temia, o embaixador Hugo Torres e a sua esposa Sara não deram demasiada importância ao ocorrido. Não queriam estragar as férias dos jovens preocupando-os. Pediram-lhes contudo que redobrassem a atenção nos seus passeios por Roma, e que tivessem cuidado com as mochilas.

— Achas que fazemos mal em deixá-los andar por aí com o Giuseppe? - perguntou Sara ao marido antes de jantar.

— Não temos muitas opções - respondeu Hugo. — Sempre é melhor do que andarem sozinhos. Sabes que com as tuas exposições de mosaicos pelas galerias e museus da cidade e com Missão de Serviço que me atribuíram nestas semanas junto do Vaticano, não teremos quase tempo nenhum para estar com eles. Desta vez não temos férias, quem as tem são eles!

— Tens razão. Além disso não são nenhuma criança. É a culpa do que aconteceu não foi deles. Podia ter acontecido a qualquer um.

— Exacto. Aliás a minha irmã Isabel já me deu autorização para comprar outro telemóvel ao André. - Não o quer a andar por aí sem um meio de comunicação seguro.

* * *

— Não há dúvida de que *há males que vêm por sorte!* - disse André acarinhando o seu novo telemóvel, o último modelo acabadinho de sair.

— *Por bem, André, por bem...* - corrigiu Maria sem entusiasmo. — Não é justo! E eu que andava a pedir um telemóvel desses aos pais há tanto tempo!

— É fantástico, não é? - continuou André como se não a tivesse ouvido. — Até o vou experimentar já! Faço aqui uma bela fotografia a esta arenazinha... - e colocou o pequeno ecrã do telefone na melhor posição para fotografar a imagem.

A "arenazinha" era o Coliseu romano que tinham decidido visitar nesse dia, depois de na noite anterior terem voltado a ver o dvd do filme "O Gladiador", passado precisamente ali.

— Mas afinal qual foi a desculpa que deste aos tios para te comprarem o telefone mais caro do mercado, todo pintarolas? - perguntou Ana curiosa.

— O facto de a Itália ter uma tradição muito forte na

comercialização de telemóveis - respondeu André muito sério.

— Os italianos passam a vida ao telefone, lá isso é verdade...

— E foram dos primeiros a vender estes modelos! Para além dos serviços de telefonia, Internet e fotografia que já existiam nos modelos 2G, agora também incluem vídeo! Por isso já não se chamam telemóveis, mas *videomóveis!* - continuou o rapaz repetindo a publicidade da televisão.

— E o que é que fazes com os vídeos? - perguntou Ana.

— Podes mostrá-los em directa a outra pessoa com o mesmo tipo de telefone, ou enviá-los para o computador! Pintarolas, pois!

— Fantástico! - disse Maria com um pouco de inveja. — Experimenta gravar qualquer coisa para vermos se funciona. Depois podes enviar para o computador do pai e vemo-lo logo à noite.

André nem precisou do conselho da prima para começar a usar o seu novo brinquedo. Em poucos minutos já tinha filmado metade da fachada Norte do *Colosseo*, e durante a visita aproveitou ao máximo as imagens e as explicações do guia.

— Que lugar impressionante. Quase dois mil anos de história! - disse Ana ao sair do recinto.

— Imaginem a quantidade de pessoas que se sentou naquelas bancadas - lembrou Maria.

— E as que ali morreram? Tudo para gáudio das multidões romanas... - continuou André. — Mas é tudo tão diferente do filme! Se não tivesse cá vindo não podia imaginar como eram os subterrâneos da arena! A maquinaria que eles não teriam para pôr e tirar as várias secções do chão, fazendo subir e descer feras e gladiadores! Agora já lá não se há nada daquilo...

— André tem cuidado com o Pintarolas - disse Maria de repente muito séria e sem notar que acabara de baptizar o



telemóvel de André. — Acabei de ver o teu amigo ali ao fundo. É ele, não é?

Os outros voltaram-se de imediato na direcção do seu indicador. Não havia dúvidas de que se tratava do ladrãozinho da véspera e parecia estar a dedicar-se ao mesmo tipo de actividade trapaceira. Aproximaram-se, esperando não dar nas vistas.

O rapaz estava de facto a tentar um novo roubo. Tinha-se introduzido discretamente na fila de turistas à espera da sua vez para visitar o recinto, mesmo por detrás de um casal americano distraído a tirar fotografias aos gladiadores mascarados que divertiam os passantes. A mala da senhora encontrava-se aberta, depois de esta ter comprado vinte postais a uma persuasiva vendedora ambulante... E o rapaz não perdeu tempo, deu um encontrão à senhora, pediu-lhe muitas desculpas e afastou-se com um sorriso. Caminhou cerca de três metros, voltou-se para se certificar de que ninguém suspeitara de nada, enfiou a carteira da senhora no bolso e só então viu os primos, nessa altura já muito próximos.

— Onde é que pensas que vais? — gritou André acelerando o passo.

Pouco depois viam-se cinco pessoas a correr pelo exterior da arena, os primos perseguindo o ladrão e o motorista Giuseppe a perseguir os primos, sem perceber nada do que se estava a passar.

O rapaz corria muito depressa, criando uma distância de mais de cinquenta metros entre ele e os outros. Deram a volta ao Coliseu, atravessaram a *piazza* e a Via Labicana e em menos de dois minutos voltavam à zona da Dómus Áurea e do Parque do Ópio, onde se dera o primeiro roubo. Giuseppe tinha ficado pelo caminho, sentando-se a meio das escadas do parque, quando os primos chegaram ao topo do monte, cansados e sem fôlego. O rapaz continuava a avançar com a mesma energia, via-se que estava habituado a fugir.

— Vamos perdê-lo! – disse Maria a custo.

— Escondam-se!– e André puxou as primas para trás duma árvore. — Parou! Anda à nossa procura. Está a preparar alguma.

O jovem ladrão tinha de facto parado por detrás de uma das ruínas, um cilindro de tijolos antigos com cerca de um metro e meio de altura. Olhava à sua volta com precaução, assegurando-se de que já não era seguido. Então fez uma coisa inesperada: saltou para dentro do cilindro e desapareceu.

Os primos esperaram alguns minutos. Sabiam que as ruínas não davam acesso a nada, tinham-no verificado eles mesmos no dia anterior, quando passeavam por ali antes do incidente. A maior parte delas não eram mais do que paredes destruídas de tijolos muito antigos, do tempo dos romanos, e os poucos cilindros ainda em pé tinham cimento no topo, ou tampas de ferro impossíveis de abrir.

Entretanto Giuseppe tinha chegado ao pé deles.

— Aha! Com que então voltaram ao local do crime! O que é que estão aqui a fazer? E por que é que desataram a fugir de mim?

O motorista parecia não se ter apercebido de que os primos não fugiam dele, mas tentavam perseguir o ladrão da véspera. Maria achou por bem aproveitar o malentendido:

— Desculpa lá! – disse muito depressa antes que os outros respondessem. — Estávamos a fazer uma corrida e o último a chegar ao topo do monte tinha de carregar com as mochilas dos outros. Toma lá, André! Aqui tens a minha!

André olhou para a prima perplexo. Grande desculpa, sim senhor. Mas por que é que era sempre ele a ter problemas com as mochilas?

Este capítulo não poderá ser reproduzido, total ou parcialmente, sem a prévia autorização por escrito da editora. Todos os direitos reservados.

© Publicações Dom Quixote.